

TRADUÇÃO COMO LEITURA: HANS STADEN

Werner PLAAS

(Orientador): Prof. Dr. Erik M. Sabinson

Hans Staden

Em 1547, um alemão resolve sair de seu vilarejo natal e conhecer a Índia. As razões que o levaram a oferecer seus serviços de artilheiro em Portugal, na época das grandes navegações são até hoje pouco conhecidas. Teriam as guerras entre católicos e protestantes tornado sua situação insustentável, impelindo o jovem Hans Staden para longe de Hessen?

O que se sabe ao certo é que Staden vai até Lisboa e lá embarca numa frota com destino ao Brasil e para cá faz duas viagens, sendo que na segunda é capturado por uma tribo de tupinambás, e com eles vive como prisioneiro por nove meses, aprendendo sua língua e seus costumes. Por muito pouco não é morto em cerimônia antropofágica. Consegue, depois de inúmeras peripécias, ser resgatado por um navio francês que o leva de volta à Europa. Como forma de agradecimento a Deus, a quem era temente, resolve relatar e registrar sua experiência num livro.

O livro

O livro de Staden, “*História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Canibais Selvagens, Nus e Ferozes*” virou best-seller: no mesmo ano de sua publicação, aparecem edições tanto em Marburg, onde foi originalmente publicado, como em Frankfurt. Houve até edições piratas em latim com ilustrações apócrifas onde turcos aparecem no lugar dos tupinambás.

A obra está dividida nas seguintes partes:

- Dedicatória ao príncipe Felipe, landgrave de Hessen
- Prefácio do Dr. Johann Eichman, conhecido por Dreyander
- Livro Primeiro: “*As viagens*” (53 capítulos)
- Livro Segundo “*A Terra e seus habitantes*” (29 capítulos)
- Relatório sobre Alguns Animais Daquela Terra
- Relatório sobre Algumas Árvores Daquela Terra
- 56 Xilogravuras

Na primeira parte, Staden relata suas peripécias em estrita seqüência cronológica, e a segunda realiza o primeiro registro antropológico sobre o Brasil colonial, com descrições de animais, plantas e costumes dos tupinambás. Staden descreve com objetividade o que viu e o que passou.

Edições e bibliografia

A “*História Verdadeira*” foi publicada em inúmeras edições em diversos países e línguas desde a edição princeps. O Brasil, no entanto, só pode de ler sua primeira tradução para português em fins do século XIX.

A bibliografia sobre esta obra ainda é escassa. Os poucos estudos disponíveis privilegiam a questão da antropofagia em estudos antropológicos e etnográficos. Há também alguns trabalhos que procuram confirmar a exatidão geográfica e histórica do relato, que datam de numa época em que a veracidade da “*História Verdadeira*” estava sob suspeita, mas cujo interesse para esta pesquisa é periférico e circunstancial.

Ao longo do tempo a obra de Staden tendo sido fonte de adaptações; dentre elas, destacam-se “*Meu Captiveiro entre os Selvagens do Brasil*”, um “texto ordenado literariamente por Monteiro Lobato” para jovens de 1924, e o filme “*Hans Staden*” de direção de Luiz Alberto Pereira, de 1999, que procura incluir a perspectiva dos tupinambás na história, com todos os diálogos em tupi.

Uma tradução específica

Este trabalho visa comentar uma das traduções para o português do livro de Hans Staden, especificamente aquela feita a partir da versão em alemão modernizado de Karl Fouquet feita em 1941.

Enquanto Fouquet transpôs o texto original de Staden, (teria ele tido acesso a uma edição princeps ou fac-similar?) escrito no alemão clássico, recém padronizado por Lutero para o alemão moderno, Guiomar Carvalho Franco se utilizou da versão de Fouquet para elaborar sua tradução para o português.

Essa edição bilíngüe recebe o título neutro de “*Duas Viagens ao Brasil*”. Esta edição está disponível atualmente pela Edusp, que carece de atualização ortográfica, mas contém todo o texto e todas as gravuras do original.

O que se procura obter é uma interpretação da tradução, através da análise de algumas estratégias nela empregadas, lingüísticas ou de outra ordem, como informações biográficas sobre os tradutores e históricas sobre o Instituto Hans Staden, associação cultural formada em São Paulo por alemães e imigrantes alemães a qual patrocinou sua publicação em 1941.

Trabalharemos com a hipótese de que essa tradução para o português é

arcaizante. Cabe ao trabalho demonstrar a validade dessa hipótese com evidências textuais.

1. Preciosismo

A característica que mais facilmente se percebe numa comparação entre os dois textos é a escolha de termos de uso pouco freqüente na língua-alvo.

Fouquet	Franco	
Die Inseln Grünen Vorgebirges	ilhas do promontório glauco	Cap. 1
segelt man	singra-se	Cap. 1
Zwischen den beiden Wendekreisen herrscht stets grösste Hitze	Entre os dois trópicos impera de contínuo grande calor	Cap. 1
Hölzer, die unseren hessischen Hölzern gleich sind, wachsen dort nicht.	aí não medram as semelhantes às nossas hessianas	Cap. 2
Sie ziehen mit Weibern un Kinder umher.	Perambulam com as mulheres e a prole.	Cap. 3
errichten sie noch einen anderen Zaun	erigem ainda uma outra cerca	Cap. 5
Nachts unterhalten sie stets ein Feuer	De noite entretêm permanentemente uma fogueira	Cap. 7
Das Garn, mit dem sie diese Netze stricken	O fio com que as emalham	Cap. 8
Ausserdem behängen sie sich mit Federn.	Além disso, ataviam-se com penas.	Cap. 9
und das ist ihre Art zu schröpfen.	sendo esta a sua maneira de sarjar.	Cap. 10
Mörser	almofariz	Cap. 11
Auf dem Kopf machen sie sich eine Platte	fazem uma tonsura no alto do cabelo	Cap. 16
Namen seiner vier Vorväter	Mencionou os quatro avoengos	Cap. 18
der tapfer und schrecklich klänge	o qual significasse denodo e impusesse medo.	Cap. 18
Bei den Wilden ist es üblich, dass einer dem andern eine Frau schenkt, wenn er ihrer müde ist.	Entre os selvagens é costume dar de presente a outro uma mulher, quando dela se enfada.	Cap. 19

Mesmo levando-se em conta que ambas as traduções foram realizadas por volta de 1940, e que naquela época o vocabulário de uso corrente poderia conter palavras que hoje consideramos em desuso, cito dois exemplos que demonstram como os termos selecionados por Franco são definitivamente arcaizantes:

A palavra **Mörser** é traduzida como *almofariz* e depois como *pilão* no

mesmo parágrafo; o mesmo sucede com o verbo **segeln**, que no mesmo parágrafo varia entre *singrar* e *velejar*. Estes são dois grandes indícios de que o tradutor estava no mínimo inseguro quanto ao registro mais apropriado que deveria empregar.

Como não se tratam de exemplos isolados, mas de ocorrências que pontuam todos os capítulos, considero correto caracterizá-las como uma tendência.

Sondar as razões que motivaram esta tendência, contudo, revela-se uma tarefa mais complexa, já que abandonamos o terreno das evidências e entramos no território das suposições. Arriscarei, entretanto, duas hipóteses baseadas na minha própria experiência como tradutor:

a) **Excessiva reverência diante da língua de partida**, que atua como um complexo de inferioridade, levando o tradutor a privilegiar os vocábulos mais prístinos, pois considera, talvez até inconscientemente, a língua de partida mais elevada que a língua-alvo.

b) **Excessiva reverência diante da idade do texto**. Esta hipótese é baseada na falsa pressuposição de que para ser fiel a um texto escrito há quatro séculos e meio seria mais apropriado lançar mão de palavras mais decrépitas. Busca-se uma fidelidade por meios tortuosos.

2. Colocação pronominal

Emprestando o estilo caro ao tradutor, diria que causa espécie ao leitor do século XXI a obsessão de Franco com as ênclises. Alguns exemplos:

Cap. 2

- * Quando indivíduos de tribos estranhas entram em seus domínios, comem-nos. (perigoso)
- * Vão atrás da caça e atiram-na
- * Valem-se disso para assim melhor espreitá-los e atirá-los
- * A carne que comem, assam-na em geral

Cap. 11

- Preparam também a farinha de peixe e carne, do seguinte modo: assam a carne, ou o peixe, na fumaça sobre o fogo, deixam-na secar de todo; desfiam-na, torram-na de novo depois, ao fogo, em vasilhas queimadas para tal fim e que chamam inhêpoã; esmagam-na

A ênclise não era hegemônica na modalidade escrita em 1940.

3. Incorreção

Sustento que alguns poucos, mas importantes termos não foram traduzidos com o devido apuro.

Fouquet	Franco	
Hauptling	principal	Cap. 13
Gebirge	cadeia de montanha / serra / montes	Cap. 3
Mass	pinta	

Um tradutor mais ousado poderia argumentar que a melhor tradução para o vocábulo **Hauptling** no texto de Staden seria *cacique*, já que corresponderia em português brasileiro ao que Staden queria descrever. Seria um argumento defensável, mas ainda assim débil.

A meu ver, o termo mais apropriado seria *chefe*, que permanece fiel à versão de Fouquet e ainda tem a vantagem adicional de ecoar a sugestão de *chefe de tribo*.

A palavra *principal* me parece inadequada.

No caso de **Gebirge**, ocorre uma falta de padronização, já que no Capítulo 13 as definições se alternam entre *cadeia de montanha*, *serra* e *montanhas*, sendo que a palavra é sempre a mesma no texto em alemão. Se o tradutor conhece o contexto, e portanto sabe que Staden se refere à Serra do Mar, porque não reforçar esta associação mantendo sempre a palavra *serra*? Uma minúscula nota explicativa poderia satisfazer os leitores mais exigentes.

O Capítulo 23 é intitulado “*No que acreditam*” e começa com uma sentença cujo sentido talvez seja intencionalmente cômico ou irônico, mas que é pronunciada secamente: “*Os selvagens crêem numa coisa que cresce como uma abóbora.*” A frase seguinte “*É grande como um pote de meia pinta e oca por dentro*” tem seu sentido totalmente comprometido pela tradução equivocada da palavra **Mass**, que entre outros significados possíveis, é uma antiga unidade de volume usada na Alemanha, Áustria e Suíça e equivale a algo entre 1 e dois litros, mas também designa a caneca de cerveja com este volume. Segundo a volumosa Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, a quarta acepção do verbete *pinta* pertence ao campo da Metrologia: “*Medida de capacidade para sólidos e líquidos usada antigamente em certos pontos de Portugal. Num documento datado em Coimbra de 1514, aparece esta medida. Para sólidos, media um quarto de alqueire; para líquidos, três quartilhos. (do inglês pint).*” A mesma

Enciclopédia nos socorre quanto à definição de *quartilho*: "*Quarta parte da camada, que corresponde a 0,35l e que hoje, especialmente no Norte de Portugal se toma por meio litro*", portanto, é só fazer o cálculo: $3 \times 0,35 = 1,05l$ ou arredondando para leigos, um litro. Franco preferiu recuperar uma medida obscura, utilizada em uma parte de Portugal para traduzir Mass. Seria uma opção legítima se viesse acompanhada de uma nota. Do jeito que está, parece armadilha para leitor.

4. Tupi or not tupi

Uma das muitas peculiaridades do texto de Staden é conter inúmeras citações em tupi de lugares, nomes de pessoas, descrições de fauna e flora, objetos e eventos, além de frases e diálogos.

Como o livro original de Staden foi publicado ainda nos primórdios da imprensa, não era possível naquela época utilizar recursos gráficos para diferenciar as duas línguas. Fouquet poderia ter usado aspas, negrito, itálico ou travessões para marcar as passagens em **tupi** na sua modernização, mas preferiu não avançar neste aspecto.

Guiomar reproduziu fielmente a escolha de Fouquet.

Entretanto, é interessante notar que, ao atualizar o texto alemão de Staden, Fouquet sentiu-se à vontade para reformular períodos, modificar pontuações, introduzir quebras de sentenças e até a alterar radicalmente o título do livro, cujo original "*História verdadeira e descrição de uma terra de selvagens nus e cruéis comedores de gente*" foi transformado no cândido e inofensivo "*Duas Viagens ao Brasil*".

Uma gentileza que poder-se-ia oferecer ao leitor: diferenciar o português do tupi por meios gráficos ostensivos, já que nem sempre está claro a origem das palavras.

5. Pesos e medidas

Staden procura descrever com maior grau de precisão possível as medidas que observa, usando como unidade côvados, pés, braças e milhas.

Nem Fouquet nem Guiomar se preocuparam em atualizar estas medidas para o leitor moderno.

Conclusão

Trata-se de uma tradução problemática que mereceria pelo menos uma revisão por parte da editora.